



...us colegas  
...na a Educação  
...nas escolas  
...xemplo inspira  
...teiro; homem  
...ota a vida ao  
...ia das escolas:  
...ços à causa da  
...ssinalar quanto  
...luno que se  
...vada estima que  
...ege lhe confere  
...levantes."

...medalha, a mais alta  
...niversidade de  
...ida ao Professor  
...o de 1963.

*Luís Viana Filho*

ANÍSIO TEIXEIRA

*Luís Viana*  
• *Filho* •

ANÍSIO  
TEIXEIRA

*A Polêmica da*  
• *Educação* •

92.00.00  
AT 1v  
ex.1

  
EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

ISBN 85-209-0228-6

FILHO, Luís Viana. *A Polêmica da Educação*. Rio de Janeiro: Nova  
Fronteira, 1990. 212 págs.

↑ ↑

5.26

com um Governador que é um perfeito Dr. Rieux do livro *A peste* de Camus. Deu-se totalmente ao trabalho de governar. Dentro da sua linha de paz política a todo custo não faz outra coisa das 7 da manhã às 11 da noite, que não seja administrar. A isto ele chama fazer política e da verdadeira. Verdade é que a administração não é muito sistemática nem se alimenta de muita teoria. Mas faz tudo que pode, dentro da emergência em que se vê. E vai, de qualquer modo, fazer muito.”

Durante dias e dias, em conversas de horas, Anísio insistiu para Mangabeira lhe conceder exoneração. Era uma batalha com avanços e recuos. Mais tarde, Anísio contou como se rendera: “O Governador, entretanto, insistiu em que ficasse, ainda quando não se pudesse levar avante o plano estabelecido. Prometia dar-me recursos para iniciar certas etapas preliminares e começar algumas escolas de demonstração para o plano projetado, em nível primário e médio. Acabei por atendê-lo e daí nasceu a prioridade para o projeto do primeiro Centro Educacional Primário.” Foi o passo inicial da Escola Parque.

Anísio a Paulo Carneiro: “No dia 13 de junho, entretanto, ainda lhe escrevi a carta que junto a esta, em que lhe fiz (a Mangabeira) novamente ciente do meu desejo de voltar à UNESCO. Esta carta valeu-me três conferências de quatro horas cada uma. E afinal, ontem, deixei-me vencer...” Como abandonar os que pretendia salvar pela educação? Anísio não teve coragem de faltar com o seu quinhão de sacrifício. “Fui como aquele repórter”, confessou, “que fez todos os planos de fuga e depois voltou do meio do caminho. Porque, Paulo, isto aqui é exatamente a cidade pestosa de Camus. Não temos de discutir se somos ou não eficientes, se somos ou não compreendidos, se podemos ou não podemos lutar, temos de ficar, temos de nos imolar...” Afinal, ele escolhia o caminho de sempre — o de servir.

Emilinha não se conformou. “Emilinha”, escreveu Anísio, “sem uma vacilação, sem uma hesitação votou pela partida. Via claro, como o sol: ficar era uma loucura. Pôs mesmo toda a sua força — de mulher e de mãe — para que eu fosse. E está desolada e horrorizada com minha atitude... Debalde lhe digo que se estou sacrificado, sou 100% responsável pelo sacrifício. O seu instinto lhe diz, porém, que fui explorado em minha fraqueza. Talvez tenha razão e nada lhe posso dizer... A V. estou procurando dar esta explicação. A ela só os

fatos bastarão. Nós homens é que ou com palavra. A mulher só se Mas, seja o que os fados quiser missão de servir. E, tal como o I a servir.

No íntimo, estava amargurada do Governo Pedro Ernesto. Em aflorou as decepções experimer Bahia. Era dolorosa confissão s

“Fui efetivamente, dizia, um vio Mangabeira) um plano radi lar do Estado e esse plano não Legislativa. Chamado novamer te, mas o Governador recusou-s tinuando eu a servi-lo, com dev ciência. O que se fez, nesse t incompletamente mas com ime ao espírito de compromisso, governador a quem procurei se

Em verdade, Anísio fora a n trara-a em estado de calamida professores. E a própria socieda parecia não se dar conta do ma escola secundária, também de Para 5.500 alunos no curso sec matriculados nas escolas primé baixos que, comparada com a d timo lugar, somente inferior ao Apresentava a Bahia a média primeiro Relatório ao Govern ação: “Os serviços de educação de professores primários aglom vilas e povoados, quase todos técnica, moral ou mesmo adm secundários distribuídos em t instituto secundário, e três inst mário...” De fato, uma calamid imaginação. “Revolucionador

Ao retornar a Nova Iorque, aguardava-o uma surpresa: o professor Solon Kimball comunicou-lhe que o Teacher's College, onde se graduara em 1928, conferia-lhe a medalha de honra a ser entregue, solenemente, no encerramento do curso. Eram eloqüentes as palavras postas na medalha:

“Mestre para seus alunos, seus colegas e seu País — cujo saber ilumina a educação em todas as Américas — líder nas escolas e universidades do Brasil, seu exemplo inspira os educadores pelo mundo inteiro, homem que ama tanto o saber que devota a vida ao progresso e à melhoria das escolas. Para honrar seus notáveis serviços à causa da educação internacional, para assinalar quanto nos orgulhamos do antigo aluno que se distinguiu e para lhe expressar a elevada estima que lhe dedicamos, o Teacher's College lhe confere a medalha por serviços relevantes.” Era o zênite. Depois de espinhos, Anísio colhia algumas flores. Contudo, ainda sofria a perda do filho.

Em resposta a uma carta de Paulo Carneiro, que subia o Nilo a bordo dos *Ramsés II*, Anísio abriu-lhe o coração: “Muito obrigado pela sua carta, dizia-lhe. Emilinha leu-a com os olhos secos, mas os olhos que ainda mais me parecem terríveis. A verdade é que nenhum de nós é mais o mesmo. Carregamos a nossa impossibilidade de consolo, talvez admitindo que o tempo, muito, muito tempo, venha a nos restituir um dia a capacidade de viver com a nossa saudade. A sua carta fica entre as palavras mais caras que o tremendo absurdo nos trouxe e por certo há de ajudar-nos a aceitar a incompreensível malevolência das circunstâncias aparentemente tão simples, e no entanto portadoras da terrível carga do destino.” O tempo... O tempo... certamente uma imensa ilusão. Adiante, a carta retomava o seu curso: “Aqui viemos como em fuga, confiando que a distância, outras cousas e outros ares nos ajudassem a continuar a carga de viver. Os americanos têm sido de uma extrema bondade e o espetáculo da *affluent society* algo por vezes difícil de conceber. A longa sombra da bomba chega por vezes a desaparecer, tão forte é a energia e o sentido de renovação desse grande e cândido povo. É o oposto do Egito: o desesperado amor da vida. Aquele jovem sentimento de que somos imortais, o mesmo sentimento que nos levou o José Maurício.” E, desprendidos do “amor à vida”, a carta terminava triste: “Muito e muito gratos pelas suas palavras, aqui ficam os seus amigos mais ípicos do que americanos.” A vida valia pouco.

Brasília obrigou a cogitar-se da sua Universidade. Darcy Ribeiro era quem mais a defendia, e com Oscar Niemeyer e Cyro dos Anjos, foi incumbido de projetá-la. Em 10 de junho de 1963, o *Correio Braziliense* publicou esta nota do jornalista Edísio Gomes de Matos: “Faz 3 anos — não creio que tanto — um jovem com ar adulto, os cabelos mal aparados, a fisionomia viva, entrava no Gabinete do Presidente da República, então o Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, com uns papéis na mão. Vinha acompanhado do professor Anísio Teixeira e do subchefe do Gabinete Civil Cyro dos Anjos. Era o desconhecido assistente de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, professor Darcy Ribeiro, e sua presença no recém-inaugurado Palácio do Planalto não chegou a despertar maiores curiosidades. Só um repórter — o autor deste texto — quis saber quem era, o que trazia naqueles papéis datilografados.” Um projeto para a Universidade de Brasília, falou o professor Anísio Teixeira. “Vamos fazer aqui, se o Presidente concordar, a melhor experiência educacional já empreendida na América Latina. Uma Universidade sem preconceitos, livre e aberta a qualquer pessoa, onde se ensinarão e se praticarão todas as ciências, as artes, as técnicas, que o homem for capaz de descobrir, criar ou inventar.” Lá fora o sol iluminava o planalto. A Capital, apesar de inaugurada, era ainda uma esperança: ao redor dos prédios novos, o mato rasteiro do cerrado. O grande lago artificial que hoje costeia a cidade só podia ser visto com os olhos apertados, como fazem os míopes, tão longe e pequenino era. — “E onde vai ser esta Universidade?” — “Ali, naquela área mostrou Darcy Ribeiro, identificando num mapa pequeno a região do Plano Piloto que Lúcio Costa havia destinado, talvez por desengano de consciência, para a futura Universidade.

A Universidade começava, e quase três anos haviam sido gastos para superar-se algumas dificuldades. Israel Pinheiro, responsável pela construção da nova Capital, opusera-se à idéia da Universidade, pois julgava-a fonte de intranqüilidade. Nada de estudantes e operários, dizia. Tinha-os como fatores de agitação. Também Anísio Teixeira, inicialmente, preferira apenas uma Universidade de quarto nível, e somente capitularia ao serem criadas, no prazo de um ano, dez Universidades espalhadas pelo País, prova de ser a de Brasília inevitável. Cumpria, portanto, fazê-la a melhor possível, e Anísio voltou ao sonho de 1935.